

É preciso desanuviar o nosso olhar. (Manoel de Barros)

De ponta a cabeça: (re)pensando as infâncias.



No parquinho de uma escola da(s) infância(s), duas meninas plantam bananeira e, ao se colocarem de cabeça para baixo, também me convidam a olhá-las a partir de outras/novas possibilidades. Meu olhar tão acostumado, agora se abre a diferentes pontos de vistas. Não perco a oportunidade, pego o celular que está no meu bolso e registro/guardo o momento.

Por muito tempo as crianças foram impedidas, silenciadas de significarem/ dimensionarem/ narrarem a sua própria existência. Sendo enxergadas pelo que elas “ainda não têm”, “ainda não são”, vivenciam a sua exclusão da ordem social, ‘minorizadas’ pelo discurso político, consideradas como sujeitos passivos na construção e determinação das sociedades em que vivem.

A experiência da infância parece reclamar por ser epistemologicamente vista e, para isso, é preciso inverter o olhar, deslocá-

lo para “pensar a infância desde outra marca ou, melhor, a partir do que ela tem e não do que lhe falta: como presença e não como ausência; como afirmação e não como negação, como força e não como incapacidade” (KOHAN, 2007, p.41).

Se a etimologia da palavra infância – *infantes* - anuncia o que chega como sem linguagem, Malaguzzi (1999) faz um contraponto e diz, a criança não é *sem*, ela tem *cem linguagens*, o que nos chama a atenção não só para o efeito produzido pelo jogo linguístico, mas pelo exercício de (re) pensar as crianças na contramão da lógica da invisibilização dos seus saberes e fazeres. O educador italiano ainda denuncia que roubaram-lhe as noventa e nove linguagens, em nome da legitimação da ideia da criança sem palavra, as violentaram, consagraram sua exclusão. Sob a égide da escolarização, leia-se antecipação das infâncias, empobreceram o alcance de ação das crianças, limitando-as ao condicioná-las ao lugar de aluno.

Muitas das instituições de educação infantil têm como principal função ‘colonizar’ os modos de ser e estar das crianças no mundo. Embora não se possa generalizar, desde bem pequenas, crianças são estimuladas a utilizarem antigas práticas mecânicas, descontextualizadas e pouco reflexivas, como cobrir linhas, pintar desenhos prontos, cópias de letras e números em sequências. Muitos dos esforços pedagógicos são investidos em conduzir a criança da imaturidade, para um vir a ser adulto, por meio dos parâmetros desenvolvimentistas.

Diferentes infâncias habitam as escolas (essas também são múltiplas e diversas), percebendo o espaço, falando sobre suas expectativas, sobre seus desejos, sejam com palavras, olhares, silêncios, gestos, desenhos, seus modos de sentir e perceber o mundo. E o que elas comunicam pode provocar deslocamentos, mudanças importantes nas formas que tentamos olhá-las e compreendê-las. Para isso, pode ser preciso profanar verdades, questionar e virar do avesso a lógica

adultocêntrica que interdita as crianças da sua potência, desapropriando-as das suas experiências.

O que nos requer exercitarmos o nosso olhar, desanuviá-lo como bem nos alerta o poeta Manoel de Barros, para pensarmos a partir de outra lógica, e “talvez olhar ao contrário e ver o mundo de ponta-cabeça possa nos aproximar da forma como as crianças sentem. Talvez seja possível enxergar seu protagonismo” (FARIA e FINCO, 2011, p.5).

Referências:

FARIA, Ana Lúcia Goulart de; FINCO, Daniela (Orgs.). **Sociologia da infância no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2011.

KOHAN, O. Walter. **Infância, estrangeiridade e ignorância – Ensaio de filosofia e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MALAGUZZI, Loris. História, ideias e filosofia básica. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As Cem Linguagens da Criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. Porto Alegre: Artmed, 1999. p.59-104.

Sobre a autora:

Nayara Alves Macedo. Mestranda em educação pela UERJ/FFP. Graduada em pedagogia –UFF. Especialista em Literatura Infanto-Juvenil - UFF. Professora de educação infantil na rede municipal de Niterói.